

O DESENHO DA FIGURA HUMANA E (POSSÍVEIS) SINAIS DE VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS

HUMAN FIGURE DRAWING AND (POSSIBLE) SIGNS OF SEXUAL VIOLENCE AGAINST CHILDREN

Thaís Villa ¹

Vagner Matias do Prado ²

RESUMO: O presente trabalho origina-se de nossa dissertação de mestrado e objetiva problematizar como a análise do Desenho da Figura Humana pode auxiliar os/as docentes na identificação de situações de violência vivenciadas por alunos e alunas. A justificativa do trabalho recai sobre a importância da escuta e do respeito às formas de expressão infantil e a mediatisação das relações da criança com o mundo, tarefa inerente à profissão de educar. O referencial teórico apresentado se pauta na área da Psicologia e nos estudos que analisam o Desenho da Figura Humana em seus aspectos cognitivos, emocionais, sociais e culturais e destacam a importância da educação sexual na formação docente a fim de subsidiar o olhar atento às produções infantis que podem representar situações de violação de direitos, especificamente a violência sexual. Apresentamos o desenho de uma criança de cinco anos de idade a fim de ilustrar como o Desenho da Figura Humana pode ser percebido e analisado na sala de aula. As considerações finais trazem apontamentos sobre como o "tipo" de corpo que é apresentado às crianças influencia na composição do Desenho da Figura Humana e na restrição ou liberdade para expressarem suas vivências por meio desse recurso gráfico e para a necessidade de que as professoras/es tenhas acesso aos conhecimentos do corpo e da educação sexual.

PALAVRAS-CHAVE: Desenho da Figura Humana. Violência sexual. Educação sexual.

ABSTRACT: This work stems from our master's dissertation and aims to problematize how the analysis of the Human Figure Drawing can help teachers identify situations of violence experienced by pupils. The justification for this work lies in the importance of listening to and respecting children's forms of expression and the mediatisation of children's relationships with the world, a task inherent to the profession of education. The theoretical framework presented is based on psychology and studies that analyze the Human Figure Drawing in its cognitive, emotional, social and cultural aspects and highlight the importance of sex education in teacher training in order to support a careful look at children's productions that may represent situations of violation of rights, specifically sexual violence. We present the drawing of a five-year-old child to illustrate how the Human Figure Drawing can be perceived and analyzed in the classroom. The final considerations point out how the "type" of body presented to children influences the composition of the Human Figure Drawing and the restriction or freedom to express their experiences through this graphic resource and the need for teachers to have access to knowledge of the body and sex education.

KEYWORDS: Human Figure Drawing. Sexual violence. Sex education.

¹ Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: thavilla_oliveira@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-5815-3331>

² Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: vagner.prado@ufu.br

 [https://orcid.org/0000-0002-8662-2833:](https://orcid.org/0000-0002-8662-2833)

Introdução

O presente trabalho origina-se de discussões apresentadas em nossa dissertação de mestrado e objetiva problematizar como a análise do Desenho da Figura Humana pode auxiliar os/as docentes na identificação de situações de violência vivenciadas por alunos e alunas.

A importância do tema se justifica por ser o desenho parte da cultura humana e uma forma de expressão bastante utilizada na infância, convertendo-se ainda em instrumento que possibilita observar o desenvolvimento cognitivo, social e cultural da criança, bem como suas emoções e a representação do cotidiano infantil.

O texto se organiza com esta introdução, seguida da apresentação dos referenciais teóricos que tratam do Desenho da Figura Humana na área da Psicologia. Na sequência, apresentamos um breve relato oriundo da análise de um desenho realizado em sala de aula por uma criança de cinco anos de idade e demonstramos a necessidade do olhar atento das professoras e professores para as produções infantis, bem como a importância de a formação inicial e continuada docente contemplar a educação sexual. Por fim, apresentamos algumas considerações a respeito do Desenho da Figura Humana e apontamos caminhos para que a análise do Desenho da Figura Humana nas escolas não se restrinja somente aos aspectos cognitivos.

Referencial Teórico

Durante o processo de desenvolvimento cognitivo, as crianças apresentam diferentes fases do desenho. No primeiro ano de vida as crianças são capazes de rabiscar e ao longo da infância os rabiscos se refinam e passa-se à fase da garatuja até que cheguem ao desenho representativo. A exemplo, a maior parte das crianças ao alcançarem os cinco anos de idade conseguem desenhar uma cabeça, um tronco, braços, pernas e mãos em posições distintas e representando os locais adequados de tais membros - braços ligados ao tronco, pernas idem, cabeça acima do tronco etc. (SISTO, 2000; IMUTA, 2013; apud OLIVEIRA, 2014).

As chamadas avaliações psicológicas, da qual fazem parte técnicas de análise do Desenho da Figura Humana, confundem-se com a própria história da Psicologia desde o seu surgimento (Arteche, 2006). Apesar de há tempos serem utilizados pelos psicólogos instrumentos de avaliação psicológica, foi necessário que no ano de 2003 o Conselho

Federal de Psicologia, buscando regulamentar esta atividade, publicasse uma resolução que versava sobre a utilização desse tipo de teste, da qual destacamos que “apenas o Desenho da Figura Humana constava como técnica válida, mas para avaliação dos aspectos cognitivos [...]” (ARTECHE, 2006, p. 17), isto é não houve validação das técnicas interessadas nos aspectos emocionais.

Na atualidade, segundo consta na relação do Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI)³, somente o Desenho da Figura Humana IV, também relacionado à avaliação de aspectos cognitivos infantis, figura dentre os aprovados, todavia

Os trabalhos feitos no país confirmam os esforços dos pesquisadores na procura de sistemas com qualidades científicas para avaliar o desenho da figura humana como medida emocional, tarefa ainda não conseguida segundo a relação de testes aprovados pelo Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (BARBOZA; WESCHLER, 2021, p. 323).

Ainda a respeito dos testes que buscam avaliar o Desenho da Figura Humana como medida emocional, destacamos que “os psicólogos brasileiros estão autorizados a aplicar, na sua prática profissional, apenas os instrumentos aprovados pela comissão avaliadora do Conselho Federal de Psicologia – à exceção para utilização em pesquisas” (ARTECHE, 2006, p. 13).

Por esta razão, nos deparamos com diversas pesquisas (ARTECHE, 2006; TARDIVO, 2017; BARBOZA; WESCHLLER, 2021) que buscam validar os indicadores emocionais no Desenho da Figura Humana. A título de exemplo, o trabalho desenvolvido por Tardivo (2017) na área da Psicologia, buscou validar o Desenho da Figura Humana enquanto técnica de avaliação de aspectos emocionais por meio da comparação entre o desempenho de um grupo de crianças e adolescentes, entre 6 e 16 anos, previamente identificados como vítimas de violência doméstica, denominado grupo clínico, e outro grupo sob o qual não pairavam suspeitas de violências - grupo controle. Os resultados da pesquisa revelaram

[...] dificuldades emocionais, pela presença de traçado grosso e apagado, podendo apontar sinais de impulsividade e insegurança. Pela presença de transparência, se pode levantar a hipótese da presença de imaturidade e de ansiedade. Outros sinais relevantes como cabeça deteriorada e também braços deteriorados podem expressar as dificuldades de estruturação da personalidade. A deterioração tem relações com a incapacidade de desenhar de forma íntegra essas partes relevantes

³ No site do Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI) é possível encontrar a lista completa dos testes autorizados para uso de psicólogos, os não autorizados e os que constam em processo de avaliação, conforme Resolução CFP nº 31/2022.

da Figura Humana: tanto podem ser relativos a dificuldades de pensar (problemas no desenho da cabeça) como lidar com a realidade (problemas no desenho dos braços). Ainda se observou a presença de roupas mais frequente no grupo controle, a maior presença de figuras palitos e acessórios não de acordo com a idade; o que também podem revelar dificuldades emocionais como imaturidade ou necessidade de não se expor (TARDIVO, 2017, p. 73-74).

Isto posto, busquemos compreender melhor do que se trata, pedagógica e psicologicamente, analisar e avaliar os desenhos da criança, especificamente o Desenho da Figura Humana.

Arteche (2006) afirma que diversos sistemas de interpretação foram desenvolvidos ao longo da história da Psicologia e os divide em três vertentes distintas de análise: 1) medida de desenvolvimento cognitivo infantil; 2) como medida projetiva; 3) dos aspectos emocionais (ARTECHE, 2006)

Sobre a medida de desenvolvimento cognitivo, Arteche (2006, p. 17) elucida que

Existe um ciclo infantil típico que pode ser observado, também, a partir da produção gráfica. Ainda que existam controvérsias sobre as diferentes fases do desenho na infância, e, especialmente, sobre a linearidade do processo, de desenvolvimento destas, a maior parte dos autores reconhece estágios típicos nesse processo.

A segunda vertente de análise do Desenho da Figura Humana é voltada para os aspectos subjetivos e da personalidade da criança, por meio da chamada medida projetiva

Sob uma visão projetiva da produção do desenho, destacam-se algumas características que devem ser observadas: tamanho do desenho, pressão para executá-lo, qualidade dos traços, detalhes, simetria, localização, movimento, entre outros (LIGEIRO; BARRERA, 2019, p.187).

A terceira vertente, análise dos aspectos emocionais, “[...] busca itens que discriminem problemas emocionais. Entretanto, para tal fim, é baseada em dados empíricos [...] e revela, além do nível de evolutivo da criança, suas relações interpessoais, ou seja, sua atitude frente a si mesma e às pessoas significativas em sua vida[...].” (Arteche, 2006, p. 50).

Estas três grandes vertentes têm sido alvo de controvérsias na área da Psicologia há pelo menos um século, e, por esta razão apresentamos algumas pesquisas que buscam validar o Desenho da Figura Humana como instrumento de indícios, por exemplo, de violência doméstica e, em específico, da violência sexual.

A pesquisa realizada por Ananias et. al. (2010), objetivou refletir sobre a inclusão do tema da violência doméstica, na qual está tipificada também a violência sexual, nos cursos de formação de professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, posto que este

tipo de violência agrava a socialização e a construção da identidade das crianças. Participaram da pesquisa 182 crianças de 3 a 9 anos de idade e foram coletados desenhos que retratassem suas famílias. Os resultados da pesquisa revelaram que “o desenho é realmente uma das mais apropriadas metodologias de diagnóstico a serem utilizadas em sala de aula. Em certas circunstâncias, os desenhos podem revelar aquilo que as palavras não conseguem expressar” (ANANIAS, et. al., 2010, p. 106).

Compete destacarmos entre o referencial teórico do presente trabalho, o conceito de desenho apresentado pela psicologia histórico-cultural. Nesta abordagem o desenho é compreendido como uma forma de expressão gráfica da criança que se origina da cultura e das interações sociais dela. Desta forma, “o desenho pertence ao universo infantil como uma linguagem específica [...], que expressa vivências, ideias, vontades e emoções[...]” (LIMA; CAMARGO, 2021, p. 8).

A linguagem oral, compreendida por esta teoria como um recurso mediador das relações com os sujeitos e consigo mesmo (SILVA, 1998, n.p.), relaciona-se também com o ato de desenhar das crianças, pois

A mesma marca gráfica pode ser chamada de urso, em um dia, e de flor, em outro. Aos poucos, a nomeação passa a acompanhar a produção: a criança desenha e batiza seus traços, às vezes simultaneamente. Ao final deste processo, a criança declara antes o que deseja produzir graficamente. É claro que as nomeações anteriores e concomitantes à produção podem continuar ocorrendo; entretanto, **esse deslocamento da linguagem oral reflete a mudança da participação da fala na organização dos processos psíquicos. O fato de a criança planejar seu desenho significa que há intenção representativa e que ela está ordenando suas ações por meio da fala** (SILVA, 1998, n.p. grifos nossos).

Portanto, por meio da produção gráfica realizada pela criança, os adultos podem levá-la a pensar sobre sua ação de desenhar e colaborar com o desenvolvimento de sua linguagem oral. Para além deste estímulo cognitivo, destacamos a importância da escuta e do respeito às formas de expressão infantil e a mediatização das relações da criança com o mundo, tarefa inerente à profissão de educadores.

A análise dos desenhos infantis pode então se converter em importante ferramenta de diagnóstico e/ou suspeita de violência sexual sofrida pelas crianças, pois,

Com respeito à avaliação psicológica na área da violência contra criança e adolescente, considera-se que deva ir além da identificação do fenômeno. Torna-se indispensável a compreensão das vivências emocionais que decorrem da experiência da violência doméstica. E as técnicas gráficas de forma geral e com figuras humanas, em especial, podem ser utilizadas como importantes veículos de comunicação das vivências das crianças vítimas, já que a vitimização incide

diretamente sobre o corpo da criança nos casos das violências física e sexual e, indiretamente, nos casos de negligência (falta de cuidados) e de violência psicológica (TARDIVO, 2017, p. 67).

Ante o exposto, destacamos que o desenho por si só pode ser uma representação da violência sexual sofrida pela criança, todavia outros instrumentos devem ser mobilizados por profissionais capacitados para que se comprove qualquer tipo de violência, a partir da junção de outras técnicas investigativas.

Defendemos ainda que o (re)conhecimento do corpo influencia na representação da figura humana realizada pelas crianças. Questionamos, portanto, qual corpo, ou quais corpos são apresentados às crianças?

[...] o corpo é inconstante, suas necessidades e desejos mudam. O corpo se altera com a passagem do tempo, com a doença, com mudanças de hábitos alimentares e de vida, com possibilidades distintas de prazer ou com novas formas de intervenção médica e tecnológica (WEKKS, 1995, apud LOURO, 2000, p. 8).

Assim, na temática do reconhecimento e representação da figura humana temos uma infinidade de possibilidades de exploração: corpos gordos, corpos magros, corpos com vulva, corpos com pênis, corpos negros, corpos adultos, corpos infantis, corpos com deficiências etc. Nos interessa, para além disso, saber se o corpo das crianças é apresentado e reconhecido como sexuado ou não?

A pesquisa desenvolvida por Barreiro, Santiago, Araújo e Silva (2016) em uma escola de Educação Infantil de Campinas-SP nos dá algumas pistas a respeito do questionamento acima sugerido, pois, apontam que, em geral, as chamadas bonecas e bonecos sexuados, causam estranhamento das professoras:

[...] algumas professoras da instituição ficaram um pouco assustadas em oferecer para as crianças as bonecas com vagina e que, ainda por cima, (sic) simula a gravidez e o parto de um bebê que sai da boneca com a placenta! E os bonecos masculinos, por sua vez, atemorizavam por terem pênis. Muito se pensou e as bonecas quase nunca foram usadas. O não oferecimento das bonecas, em alguma medida, informa as dificuldades das educadoras em lidar com assuntos relacionados a gênero e sexualidade, bem como apontam uma não “formação inicial” com relação a essa temática. Com base nesses percalços, o medo de mostrar os órgãos sexuais e, principalmente, mencionar a possibilidade de existência de outros arranjos familiares se tornou maior do que a coragem. Para as crianças ainda menores, de zero a três anos, a hipótese de trabalhar com as bonecas nunca foi cogitada. Como se algo de impuro pudesse contaminar a pureza destas (BARREIRO; SANTIAGO; ARAÚJO; SILVA, 2016, p. 237).

Os desenhos criados pelos adultos e as bonecas e bonecos infantis não possuem órgãos genitais, o que impele as crianças a concluírem que estas partes do corpo não

devem ser mencionadas e exploradas por elas. Este fator pode ainda dificultar o reconhecimento de situações de violência sexual por elas vivenciadas e/ou restringir sua capacidade de se expressar - gráfica e oralmente – sobre tais situações.

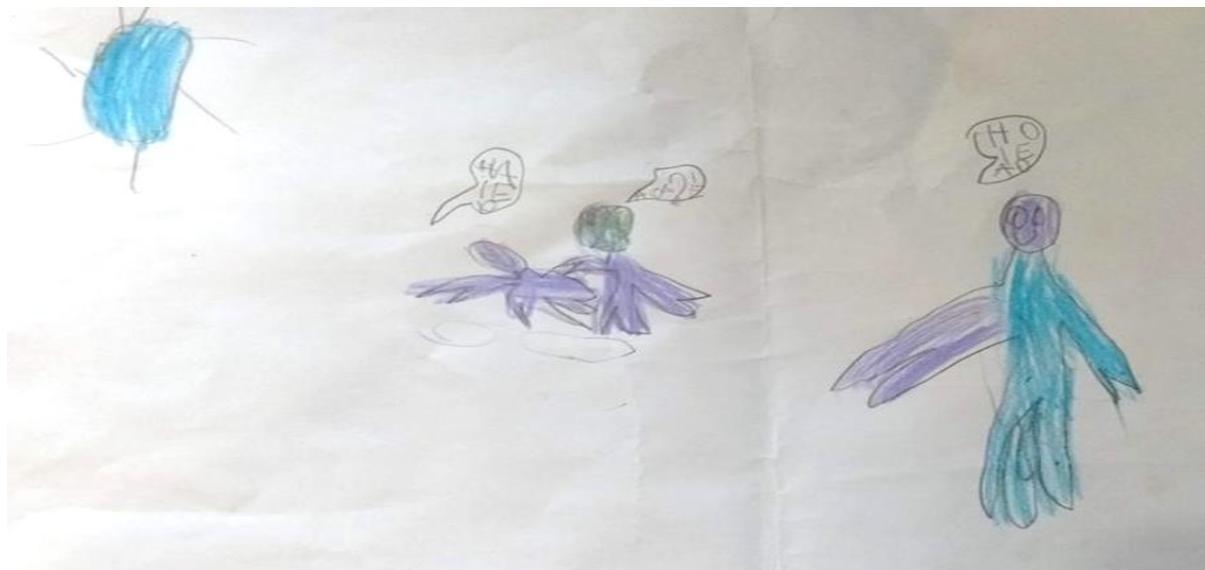
Destacando a importância de se pensar a formação docente para a educação sexual, citamos a pesquisa de Ferreira (2020) que objetivou identificar e analisar os desdobramentos da violência sexual no ambiente escolar. Os resultados apontaram que 97% das docentes participantes da pesquisa desejam acessar maiores conhecimentos acerca da violência sexual e que “a grande maioria dos educadores já ouviram relatos dos alunos sobre algum tipo de violência sofrida e cometida principalmente por pessoas da família e também por conhecidos”. Diante disso, a educação sexual se torna imprescindível para que tanto os/as professores como os alunos/alunas possam refletir, reconhecer, nomear e denunciar as práticas e discursos que violam os direitos da criança.

O Desenho da Figura Humana no cotidiano escolar, para além da cognição

Em nossa atuação como docente da Educação Infantil, lecionando em uma turma de crianças da pré-escola, em certa ocasião falávamos a respeito da estrutura das histórias em quadrinhos, explorando os tipos de balões enquanto expressões gráficas que simbolizam as emoções das personagens neste tipo de história. Após o manuseio e leitura de gibis e a explicação sobre os diferentes tipos de balões utilizados como recurso para indicar pensamento, raiva, grito etc., solicitamos que as crianças fizessem uma história em quadrinhos retratando um momento de suas vidas com a família ou os amigos.

Ao final da atividade, as crianças foram convidadas a expressar oralmente sua produção gráfica, se assim desejassem. Após a atividade recolhemos os desenhos de todas as crianças a fim de avaliar quais elementos gráficos das histórias em quadrinhos as crianças haviam utilizado em sua produção. Todavia, ao nos deparamos com o desenho abaixo, nossas análises evidenciaram também aspectos emocionais expressos na representação gráfica de uma das crianças.

Figura 1. Desenho da criança



Fonte: Arquivo pessoal da autora

O desenho acima foi produzido por uma menina de cinco anos de idade e nos chamou atenção, num primeiro momento, pela forma como a pessoa representada do lado direito é maior do que as outras duas à esquerda. O rosto de uma das pessoas representada à esquerda está pintado de verde, tem a boca voltada para baixo e apresenta um balão de fala no qual além de letras foi inserido um ponto de interrogação. Estes elementos foram por nós interpretados inicialmente como um indicativo de tristeza ou medo expresso pela criança na produção desta personagem.

Analizando mais detidamente o desenho da menina, outro elemento intrigante surgiu: a pessoa representada à direita possui “três pernas”. Ao compararmos a forma de Desenho da Figura Humana da direita, com as outras duas da esquerda, podemos notar que todas possuem braços e pernas com extremidades apresentando recortes triangulares, significando, provavelmente, mãos e pés. Porém, a “terceira perna” da figura humana da direita apresenta uma extremidade final mais circular, diferente da representação de mãos e pés das outras duas figuras humanas.

Diante dessas primeiras percepções, solicitamos à aluna que lesse o que escreveu nos balões de fala utilizados por ela no desenho, pois, como dito anteriormente, havíamos trabalhado em sala de aula as histórias em quadrinhos. A criança disse que as figuras à esquerda eram ela e sua irmãzinha e que estavam dizendo que não iam fazer aquilo. Quando questionada sobre o que era aquilo que elas se recusavam a fazer, a criança mostrou o homem à direita com o dedo e sinalizou que a “terceira perna” era o “piu-piu” do

padrasto que lhes estava pedindo para “chupar o piu-piu dele”. Após dizer isso, a criança começou a se esquivar de mais perguntas que aprofundavam o que tinha acabado de relatar e finalizamos a conversa dando um abraço nela, nomeamos a situação descrita como um ato de violência sexual e dissemos que tomaríamos as providências necessárias para evitar que isso acontecesse novamente com ela e sua irmãzinha.

O desenho da aluna foi encaminhado, primeiramente à direção da escola em que atuávamos e, na sequência, o Conselho Tutelar foi acionado para proceder com o acompanhamento à família e dar seguimento na investigação de suspeita de violência sexual.

Para não nos delongarmos demais na exemplificação, pois não é este o intuito do presente trabalho, ressaltamos que

O relato realizado pelo aluno não pode ser resolvido somente pelo professor isoladamente, pela escola ou pelo Conselho Tutelar. Nem tão pouco a situação ser encaminhada aos órgãos competentes e acreditar que tudo foi resolvido. Do instante da observação, revelação e escuta da criança até a finalização da situação da violência, há um longo caminho a percorrer. Caminho que pode e deve ser abreviado por meio de ações em rede, com diálogo e parcerias com diversos profissionais e órgãos do sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente (FERREIRA, 2020, p. 161).

Nos interessa, enquanto docentes e pensando nos processos escolares, aguçarmos o olhar aos desenhos das crianças e analisá-los não só em seus aspectos cognitivos, mas também sociais e emocionais, oportunizando inclusive que falem sobre suas produções para que, a partir daí, saibamos identificar possíveis sinais de violência sexual ali expressos e possamos dar os encaminhamentos necessários para a formalização de denúncias.

Se faz necessário que busquemos sempre e coletivamente a proteção da criança, seu não constrangimento e exposição, fortaleçamos seu acolhimento e estejamos seguras sobre as maneiras possíveis de encaminhar casos de violação de direitos aos órgãos responsáveis, pois, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990):

ART. 13. Os casos de suspeita ou confirmação de castigo físico, de tratamento cruel ou degradante e de maus-tratos contra criança ou adolescente serão obrigatoriamente comunicados ao Conselho Tutelar da respectiva localidade, sem prejuízo de outras providências legais. (Redação dada pela Lei nº 13.010, de 2014).
[...]

ART. 245. Deixar o médico, professor ou responsável por estabelecimento de atenção à saúde e de ensino fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar à autoridade competente os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente:

Pena – multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência (BRASIL, 1990, p. 24 e 131).

Para tanto, é necessário que a formação inicial e continuada das professoras da Educação Infantil propicie tais discussões, conhecimentos e apresentem ferramentas para que as docentes possam lidar com situações de violação de direitos da criança e atuar em prol de sua proteção.

Além do dever de proteger e amparar os alunos nas mais diversas situações de violência, a escola muitas das vezes é o único local em que a criança pode se sentir segura ao expressar o que está vivenciando. No entanto, nem sempre a escola está preparada para a escuta e para tomar providências necessárias, alegando falta de informação e formação a respeito da violência sexual contra crianças e adolescentes (FERREIRA, 2020, p. 147).

A inserção da educação sexual na formação docente poderia contribuir para subsidiar essas discussões e com a análise do Desenho da Figura Humana para além dos aspectos cognitivos, considerando também as estruturas sociais, culturais e emocionais da produção infantil e a “[...] **importância do papel das professoras nas diversas mediações na Educação Infantil, uma vez que são capazes de muito influenciar nas questões voltadas para as relações de gênero, assim como a educação do corpo**” (VIEIRA; ALTMANN, 2016, p. 150, grifos nossos), possibilitando a identificação dos sinais de violência sexual que possam estar expressos nos desenhos infantis.

Considerações Finais

Para finalizar, e distantes de esgotarmos as análises do desenho da figura humana para além dos aspectos cognitivos na área da Psicologia e da Educação, buscamos demonstrar as principais vertentes teóricas que tratam deste tipo de produção infantil e como as professoras e professores podem, por meio da análise do Desenho da Figura Humana, considerar os aspectos emocionais, culturais e sociais deste tipo de produção gráfica e intervir em possíveis situações de violência sexual.

As discussões apresentadas apontam também para a necessidade de a formação inicial e continuada abordar a educação sexual a fim de que docentes possam mobilizar conhecimentos físico-químico-biológicos sobre o corpo da criança e que incidem diretamente sobre o “tipo” de corpo que é a elas apresentado, influenciando na própria composição do Desenho da Figura Humana e na restrição ou liberdade para expressarem suas vivências por meio desse recurso gráfico.

Destacamos ainda a necessidade de que os conhecimentos sobre o corpo considerem outros aspectos que envolvem a educação sexual, para além da Biologia, como, por exemplo: as relações de gênero, o feminismo, o machismo, a misoginia, a violência doméstica, o feminicídio, a transexualidade, a homossexualidade, a heterossexualidade, a assexualidade, a identidade de gênero, a pornografia, a masturbação, a violência e exploração sexual de crianças, as práticas sexuais vinculadas ao prazer e ao consentimento, a homofobia, entre tantos outros temas passíveis de diálogos e descobertas.

Referências

ANANIAS, J. M.; WHITAKER, M. A.; AZEVEDO, T. A. M.; DE ALMEIDA, V. L. M. C.; WHITAKER, D. C. A. Desenho infantil e a violência doméstica. **Revista do Laboratório de Estudos da Violência da UNESP – Marília**, Marília, ed. 5, n. 05, p. 98-106, maio, 2010. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/levs/article/view/1116>. Acesso em: 06 jul. 2023

ARTECHE, A. X. **Indicadores emocionais do desenho da figura humana**: construção e validação de uma escala infantil. 2006. 164 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/8730>. Acesso em: 03 jul. 2023.

BARBOSA, C. M.; WESCHLER, S. M. Evidências de Validade dos Indicadores Emocionais no Desenho da Figura Humana. **Avaliação Psicológica**, Campinas, v. 20, n. 3, p. 321-330. 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712021000300007. Acesso em: 11 jul. 2023

BARREIRO, A.; SANTIAGO, F.; ARAÚJO, N.; SILVA, T. L. C. V. Ideologia de Gênero? Notas para um debate de políticas e violências institucionais. **Temáticas**. Campinas, v. 24, n. 47, p. 223-246, fev./dez. 2016. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/11122> Acesso em: 02 dez. 2020.

BRASIL. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm#art266 Acesso em: 28 out. 2020.

FERREIRA, E. **A violência sexual contra crianças e seus desdobramentos no ambiente escolar**. 2020. 233 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/23132> Acesso em: 24 jun. 2020.

LIGEIRO, J. F.; BARRERA, S. D. Análise comparativa do Desenho da Figura Humana em crianças diagnosticadas com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade: um estudo exploratório. **Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia**, São Paulo, v. 36 (110), p. 183-195. 2019. Disponível em:

<https://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/600/analise-comparativa-do-desenho-da-figura-humana-em-criancas-diagnosticadas-com-transtorno-de-deficit-de-atencao-e-hiperatividade--um-estudo-exploratorio>. Acesso em: 06 jul. 2023.

LIMA; A. P. C. T. de; CAMARGO, E. A. A. A criança fala: o desenho como fonte de escuta e produção artística sobre as brincadeiras preferidas no cotidiano da educação infantil.

Olhar de Professor, Ponta Grossa, v. 24, p. 1-22, 2021. Disponível em:

<https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>. Acesso em: 23 jun. 2023.

LOURO, G. Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. LOURO, G. (Org.). **Pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 7-34.

OLIVEIRA, K. S. **Indicadores de criatividade no desenho da figura humana**. 2014. 98 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia como Profissão e Ciência) - Pontifícia Universidade Católica, Campinas, 2014. Disponível em: <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/bitstream/tede/>. Acesso em: 24 jun. 2022.

SILVA, S. M. C. da. Condições sociais da constituição do desenho infantil. **Psicologia USP**. São Paulo, v. 9, n. 2, 205-220, 1998. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/107885>. Acesso em: 28 jun. 2023.

TARDIVO, L. S. P. C. O Desenho da Figura Humana em crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 37, n. 92, p. 63-78. 2017. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2017000100006.

Acesso em: 05 jun. 2023.

VIEIRA, R. M.; ALTMANN, H. O brincar na educação infantil: aspectos de uma educação do corpo e de gênero. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 19, n. 1, 2016. DOI:

<https://doi.org/10.5216/rpp.v19i1.39027>. Disponível em:

<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/39027>. Acesso em: 18 dez. 2022.

NOTAS

IDENTIFICAÇÃO DE AUTORIA

Thais Villa. Doutoranda em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, MG, Brasil. Líder do Grupo de Pesquisa Educação, Sexualidades e Performatividades (GPESP).

E-mail: thavilla_oliveira@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-5815-3331>

Vagner Matias do Prado Doutor em Educação, professor da Faculdade de Educação Física e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Uberlândia (UFU), Uberlândia, MG, Brasil. Líder do Grupo de Pesquisa Educação, Sexualidades e Performatividades.



E-mail: vagner.prado@ufu.br

 <https://orcid.org/0000-0002-8662-2833>

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista ENSIN@ UFMS – ISSN 2525-7056 o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY-NC-SA 4.0), que permite compartilhar e adaptar o trabalho, para fins não comerciais, reconhecendo a autoria do texto e publicação inicial neste periódico, desde que adotem a mesma licença, compartilhar igual.

EDITORES

Patricia Helena Mirandola Garcia, Eugenia Brunilda Opazo Uribe, Gerson dos Santos Farias.

HISTÓRICO

Recebido em: 09/11/2023 - Aprovado em: 09/12/2023 – Publicado em: 23/12/2023.

COMO CITAR

VILLA, T.; PRADO, V. M. O Desenho da Figura Humana e (Possíveis) Sinais de Violência Sexual contra Crianças. **Revista ENSIN@ UFMS**, Três Lagoas, v. 4, número especial, p. 171-183. 2023.